

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

## Estabilidade da Unipolaridade Actual

Francisco Galamas<sup>1</sup>

### Resumo

Este ensaio tem como objectivo de defender que a unipolaridade não é um momento transitório para a multipolaridade, ao contrário do que a teoria das Relações Internacionais prevê. Procura-se centrar a análise nos elementos práticos que constituem o poder dos Estados, e não as previsões teóricas que, no meu ver, não se aplicam na actualidade.

**Palavras-chave:** Unipolaridade, Equilíbrios de Poder, EUA, Elementos de Poder.

### Abstract

This essay has the objective of defending that the unipolarity is not a transition to the multipolarity, contrary to what the theory of International Relations predicts. The focus of the analysis will be on the practical elements that constitute the power of the States, not the theory predictions that, in my opinion, do not apply nowadays.

**Key Words:** Unipolarity, Balance of Power, USA, Elements of Power.

<sup>1</sup> Licenciado em Relações Internacionais pela Universidade Lusíada de Lisboa  
Mestrando em Relações Internacionais: Segurança e Defesa, pela Universidade Católica Portuguesa de Lisboa. Editor para Europa da *Intellector*.  
E-mail: galamas@netcabo.pt  
Recebido em 01/11/2005 e aprovado para publicação em 18/12/2005.

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

## Introdução

**S**erá a unipolaridade estável? Ou estaremos simplesmente a viver um momento temporariamente unipolar, estando a multipolaridade a formar-se perante os nossos olhares?

Charles Krauthammer com o seu ensaio *The Unipolar Moment Revisited*, defende que a ordem actual das Relações Internacionais é unipolar, com a tendência para se manter dessa forma, contrariando a doutrina estabelecida pelo realismo, de que a unipolaridade é um simples intervalo para a multipolaridade.

Pretendo com este ensaio defender, tal como Charles Krauthammer, de que a unipolaridade é estável e que as circunstâncias, tais como as que existem presentemente, tornam a unipolaridade estável e não a põem em risco.

Para provar a ideia da estabilidade da unipolaridade, pretendo demonstrar que a unipolaridade sob a liderança dos Estados Unidos da América (EUA) detém características que lhe dão três condições essenciais para a sua estabilidade: esta tem que ser a) pacífica, b) previsível e c) duradoura.

O ensaio irá dividir-se em quatro partes; a primeira onde farei uma introdução histórica sobre o aparecimento da unipolaridade, uma segunda parte onde irei desenvolver os argumentos que, na minha opinião, fundamentam a estabilidade da unipolaridade. Na terceira parte do ensaio, irei referir argumentos que defendem que a unipolaridade é temporária e a multipolaridade inevitável, devido à natureza anárquica do sistema de Relações Internacionais e ao incontornável equilíbrio de poderes, tentando demonstrar os pontos que retiram validade a esses argumentos. Por fim, farei uma conclusão sobre este ensaio.

### Aparecimento da Unipolaridade

Os anos 1989 e 1990 foram bastante conturbados para a União Soviética (URSS), o Muro de Berlim caiu assim como os regimes comunistas da Europa do Leste, que estavam sob o controlo da URSS, e em 1991 não conseguindo aguentar pressões internas e externas, a URSS dissolve-se, a Cortina de Ferro é levantada e a Guerra Fria acaba.

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

O sistema das Relações Internacionais muda, e aparece um sistema onde existe uma diferença de poder, a níveis qualitativos e quantitativos, entre a Superpotência e as restantes Potências e Estados, que transforma o sistema não em multipolar, como se esperaria, mas em unipolar<sup>2</sup>.

Mas o que é um sistema unipolar? Um sistema unipolar é um sistema cuja estrutura comporta um Estado cujas capacidades estão demasiado concentradas para serem contrabalançadas por outros Estados<sup>3</sup>, mas não de tal maneira concentradas que permitam a criação de um Império global.

Os EUA, desde a implosão da URSS, que se tornaram na única Superpotência no planeta e com um domínio avassalador em todos critérios de poder, mas foi só após o 11 de Setembro que essa assimetria de poder, entre os EUA e as outras Potências, se tornou perceptível de três formas.

Primeiro, através da demonstração do poderio militar feita no Afeganistão, tornou-se óbvio que existia um enorme fosso a nível de capacidades militares entre os EUA e, principalmente, os seus aliados Europeus e outras Potências.

Segundo, poucos dias após os ataques de 11 de Setembro de 2001, os EUA voltaram a funcionar normalmente e cerca de um mês depois dos ataques estavam a iniciar a campanha no Afeganistão. Aqui ficou demonstrada a força e a capacidade de recuperação de que os EUA tinham, a nível político e económico.

Terceiro, todas as grandes Potências ou Potências regionais, após os ataques, colocaram-se ao lado dos EUA, como a Rússia, China, aliados da NATO e até o Paquistão, demonstrando o quanto esta unipolaridade é única e também que o habitual equilíbrio de poderes e a aliança contra-hegemónica, não tiveram lugar<sup>4</sup>.

Com o pós-11 de Setembro, os EUA adoptaram uma abordagem mais unilateralista e deixaram de se restringir pelos seus aliados como fizeram nos primeiros 10 anos do pós-Guerra Fria, mas mesmo assim ainda não se vislumbra nenhuma coligação anti-hegemónica continuando os EUA a ser a única Potência hegemónica sem que nenhum candidato ou candidatos se perfilassem para contestar a sua unipolaridade.

<sup>2</sup> Krauthammer, Charles, *The Unipolar Moment Revisited*, *The National Interest*, Winter 2002/2003, p. 5.

<sup>3</sup> Wohlforth, William, *The Stability of a Unipolar World*, *International Security* 24:1, p. 9.

<sup>4</sup> Krauthammer, Charles, *Op. Cit.*, pp 7-8.

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

## Estabilidade da Unipolaridade

O que torna a unipolaridade dos EUA estável? Se o sistema das Relações Internacionais é anárquico e tende para o equilíbrio, logo a unipolaridade é temporária, pois as outras Potências irão formar uma coligação para contrabalançar esse poder hegemónico e a própria Potência hegemónica irá ter a tendência para a sobreextensão do seu poder, tornando-se mais permeável a ameaças externas e pondo em causa a sua posição no sistema de Relações Internacionais<sup>5</sup>.

Então, para a unipolaridade ser estável, é necessário que o custo de contrabalançar o poder hegemónico seja demasiado elevado para as Potências contra-hegemónicas e que a Potência hegemónica consiga ter uma presença global sem que isso a enfraqueça ou leve a uma sobreextensão do seu poder.

Para demonstrar esta idéia, primeiro, irei referir a superioridade dos EUA nos principais parâmetros de poder.

No que diz respeito à capacidade militar a supremacia dos EUA é avassaladora, com um orçamento militar de cerca de 466 bilhões de dólares<sup>6</sup>, sendo este montante o correspondente à quantia despendida pelos 15-20 Países mais gastadores em Defesa, a seguir aos EUA<sup>7</sup>. Mais evidente ainda, se tivermos em conta ao nível de pesquisa militar, em que os EUA gastam três vezes mais que as outras seis Potências juntas, e que os gastos militares correspondem só a 3-5% do PIB dos EUA. Se o ritmo de aumento do orçamento militar dos EUA continuar, em 2007, este será equivalente às despesas militares do resto do mundo<sup>8</sup>.

A nível económico, a supremacia continua a verificar-se, com a economia norte-americana a ultrapassar a economia de todos os seus rivais económicos, sendo duas vezes maior do que a economia do Japão, seu principal rival económico. Entre os anos de 1990 e 1998 enquanto a economia europeia cresceu 16% e a japonesa cresceu 7%, a economia dos EUA cresceu 27%; só a economia do Estado da Califórnia é maior que a economia francesa.

<sup>5</sup> Waltz, Kenneth, *Structural Realism after the Cold War*, International Security, Vol. 25, nº. 1, pp 27-28.

<sup>6</sup> <http://www.globalsecurity.org/military/world/spending.htm>

<sup>7</sup> Brooks, Stephen e Wohlforth, William, *American Primacy in Perspective*, Foreign Affairs, July/August 2002, Volume 81, Number 4, p. 21

<sup>8</sup> Ikenberry, G. John, *Strategic Reactions to American Preeminence: Great Power Politics in the Age of Unipolarity*, National Intelligence Council, 28 July 2003, p. 8.

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

No campo de investigação tecnológica, os EUA gastam mais em investigação científica do que os outros sete países mais gastadores em conjunto e os EUA atraem, sozinhos, 1/3 do investimento estrangeiro mundial.

Mas o que distingue a unipolaridade actual é o facto de os EUA dominarem todos os parâmetros de poder simultaneamente, sem terem qualquer rival nos indicadores de poder, algo que nunca aconteceu num sistema de Estados soberanos<sup>9</sup>.

Outro factor importante, é a localização geográfica dos EUA. Os EUA estão separados das outras Potências asiáticas e Europeias por dois Oceanos: Oceano Atlântico e Oceano Pacífico. Este “fosso” permite que os EUA tenham maior autonomia na escolha das suas alianças, pois não têm o constrangimento de partilhar fronteiras com uma Potência rival e isso condicionar as suas escolhas estratégicas.

O “fosso” geográfico permite, também, que os EUA tenham a possibilidade de escolher o seu envolvimento, ou não, numa guerra entre Potências, e dá aos EUA uma invulnerabilidade virtual de um ataque directo (não de armas nucleares mas a dissuasão nuclear é alcançada através do arsenal nuclear EUA) de uma Potência rival<sup>10</sup>.

Mas quais as implicações estratégicas desta supremacia nos factores de medição do Poder de um Estado e deste “fosso” geográfico?

Como já foi referido, no sistema anárquico os Estados terão sempre a tendência para o equilíbrio, denominada por teoria do equilíbrio dos poderes, pois desequilíbrios na distribuição de poder serão sempre vistos como uma ameaça pelos outros Estados e numa tentativa de diminuir essa desvantagem, os mais fracos unir-se-ão contra a Potência hegemónica.

Pode-se concluir que, segundo a teoria do equilíbrio de poderes e a teoria da hegemonia, a hegemonia só está em risco se as diferenças de poder entre a Potência hegemónica e algum dos seus rivais, diminuir ou se alguma das Potências revisionistas suplantarem a Potência hegemónica em algum dos indicadores de poder.

A hegemonia poderá, então, manter-se enquanto a Potência hegemónica detiver supremacia nos indicadores de poder. A análise anterior com base na diferença do desenvolvimento a nível militar, económico e tecnológico entre os EUA e os seus rivais mais

<sup>9</sup> Brooks, Stephen e Wohlforth, William, *American Primacy in Perspective*, Foreign Affairs, July/August 2002, Volume 81, Number 4, p. 23.

<sup>10</sup> Layne, Christopher, *From Preponderance to Offshore Balancing*, International Security, Vol. 22, no.1 (Summer 1997), p. 116.

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

próximos, demonstra que nas circunstâncias actuais, a unipolaridade dos EUA será durável e estável, pois não se afiguram Estados com a capacidade de suplantar os EUA nestes pântametros, e consequentemente alterar a estrutura do sistema das Relações Internacionais actuais<sup>11</sup>.

O factor geográfico é, também, bastante relevante do ponto de vista estratégico pois não existindo fronteiras geográficas em comum entre os EUA e as outras Potências, a diferença de poder entre ambos não representa uma ameaça tão grande devido à distância e a tendência para o equilíbrio será menor, pois não existe uma ameaça directa ao seu território<sup>12</sup>.

Outro aspecto importante do factor geográfico, é a partilha de fronteiras entre as Potências rivais dos EUA e outros Países e Potências secundárias, já que sempre que a Potência rival tente o equilíbrio de poder com a Potência hegemónica, irá haver resistência a esse aumento de poder, pelas Potências e Países com os quais partilha fronteiras<sup>13</sup>, pois esses sentem esse aumento de poder como uma ameaça directa ao seu território.

As Instituições Internacionais têm um papel importante na unipolaridade, pois na ordem internacional construída pelos EUA no pós-Segunda Guerra Mundial, estes criaram várias organizações internacionais, como a ONU, a NATO, Banco Mundial ou o GATT e a posterior OMC, que ainda hoje estão em vigor. Apesar de o contexto internacional ser diferente daquele que levou à criação destas organizações, estas ainda estão em funcionamento, e os objectivos dos EUA ainda consistem em levar o poder norte-americano mais longe e torná-lo mais duradouro, mas acabam por fazer com que este se torne mais previsível e maleável<sup>14</sup>.

Estas instituições acabam por restringir as acções dos EUA e reduzir os receios de outros Países pelas assimetrias de poder existentes<sup>15</sup>. A segunda Guerra do Golfo pode dar uma ideia exactamente oposta aquela acabada de transmitir, mas mesmo antes da invasão do Iraque pela coligação EUA-Reino Unido, os EUA procuraram apoio dos seus aliados e tentaram durante anos resolver o problema iraquiano pelas Nações Unidas, através de resoluções e sanções económicas<sup>16</sup>, embora sem sucesso.

<sup>11</sup> Wohlforth, William, *Op. Cit.*, pp 23-24.

<sup>12</sup> Huntington, Samuel, *The Lonely Superpower*, ([http://homepages.stmartin.edu/Fac\\_Staff/rlangill/PLS%20300/The%20Lonely%20Superpower.htm](http://homepages.stmartin.edu/Fac_Staff/rlangill/PLS%20300/The%20Lonely%20Superpower.htm))

<sup>13</sup> Wohlforth, William, *Op. Cit.*, p. 28.

<sup>14</sup> Ikenberry, G. John, *After Victory: Institutions, Strategic Restraint and the Rebuilding of Order After Major Wars*, Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 2001, pp. 244-246.

<sup>15</sup> Ikenberry, G. John, *Strategic Reactions to American Preeminence: Great Power Politics in the Age of Unipolarity*, National Intelligence Council, 28 July 2003, pp 12-13.

<sup>16</sup> [http://www.cooperativeresearch.org/timeline.jsp?timeline=complete\\_timeline\\_of\\_the\\_2003\\_invasion\\_of\\_iraq&startpos=400](http://www.cooperativeresearch.org/timeline.jsp?timeline=complete_timeline_of_the_2003_invasion_of_iraq&startpos=400)

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

A forma de exercer o poder é, também, importante para a unipolaridade pois os EUA ao tornarem-se numa Potência a nível mundial, perseguiram os seus interesses estratégicos, não pela conquista territorial, mas sim através do acesso às regiões onde existiam interesses a defender. Essa forma de exercer o poder levou a que as intervenções dos EUA assim como a sua imagem como País fosse sempre de uma Potência hegemónica não-Imperial e não coerciva.

Por fim, o factor que torna a unipolaridade estável é a existência de armas nucleares. O aparecimento deste tipo de armamento e a consequente dissuasão nuclear entre as grandes Potências, levou a que conquista territorial deixasse de ser uma ameaça real e dessa forma retirou a principal razão pela qual os Estados temiam e contrabalançavam as diferenças de poder entre si e a Potência hegemónica<sup>17</sup>.

A unipolaridade para ser estável, tem que ser pacífica, previsível e duradoura. Em jeito de conclusão, nestes últimos parágrafos tentou-se demonstrar que a unipolaridade actual liderada pelos EUA tem estas características e a manterem-se as circunstâncias, tem possibilidades de o Sistema Internacional continuar a ser unipolar e liderado pela mesma Potência hegemónica que vigora hoje em dia, os EUA.

A supremacia existente em todos os indicadores de poder em simultâneo, cria uma diferença a nível de poder e a capacidade de o projectar em zonas distantes, que leva a que o equilíbrio de poderes entre Potências e a Potência hegemónica deixe de ser possível, pois esse contrabalançar de poder estaria automaticamente votado ao insucesso.

Pode-se, então, dizer que esta unipolaridade evita os equilíbrios de poder entre Potências e enquanto essas diferenças de poder existirem é duradoura.

A posição geográfica dos EUA e a existência de dois Oceanos que separam os EUA das outras Potências, leva a que uma maior capacidade norte-americana não seja sentida como uma ameaça directa pelas outras Potências, tornando a unipolaridade actual mais pacífica.

As instituições internacionais fundadas pelos EUA no pós-Segunda Guerra Mundial, que ainda hoje vigoram, são instituições que restringem as acções dos EUA, embora menos que no passado, e tornam o seu poder previsível, logo mais estável.

---

<sup>17</sup> Ikenberry, G. John, *Op. Cit.*, p. 15.

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

A forma de exercer o poder dos EUA, não pelo controlo territorial, mas sim pelo acesso às regiões, assim como o aparecimento da arma nuclear, retiraram inseguranças aos outros Estados sobre as formas de como os EUA exercem o seu poder e por isso tornam desnecessário a prática do equilíbrio de poderes.

Com todos estes factores em conjunto, pode-se concluir que a unipolaridade actual é estável e pouco propícia a guerras entre Potências, ditas Guerras Sistémicas, que alteram a configuração do Sistema Internacional.

### **Será a Unipolaridade instável?**

Os desequilíbrios na distribuição de poder serão sempre vistos como um perigo potencial para outros, e por isso, segundo a teoria realista, haverá sempre a tendência dos outros Estados para o equilíbrio de poder.

Partindo deste raciocínio, conclui-se que a unipolaridade é temporária e que a competição entre Potências, devido a desequilíbrios de poder, é recorrente, sendo por isso a unipolaridade um intervalo histórico para a multipolaridade<sup>18</sup>.

Mas, também, de acordo com a teoria realista, a competição em sistemas multipolares é mais instável do que a competição em sistemas bipolares, pois as incertezas são maiores e as estimativas de poder dos Estados e das alianças são mais difíceis de calcular<sup>19</sup>.

Usando esta teoria, e fazendo o raciocínio inverso, conclui-se que quantos menos Potências hegemónicas existirem no Sistema Internacional mais estável este se torna, ou seja, o problema da unipolaridade não é a existência de uma só Potência hegemónica mas sim o tempo que irá demorar para que outra Potência ou coligação de Potências consigam adquirir capacidades para pôr em causa a supremacia da Potência hegemónica<sup>20</sup>.

A presença dos EUA em vários pontos do globo é, também, uma forma de garantir a estabilidade da unipolaridade pois as bases norte-americanas na Europa, Golfo Pérsico e, principalmente, Nordeste Asiático têm o objectivo de manter os equilíbrios de poder regionais e

<sup>18</sup> Waltz, Kenneth, *Op. Cit.*, p. 27.

<sup>19</sup> Waltz, Kenneth, *Op. Cit.*, p. 6.

<sup>20</sup> Wohlforth, William, *Op. Cit.*, p. 24.



Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

dessa forma a unipolaridade dos EUA serve como um estabilizador e uma garantia contra o aparecimento de Potências revisionistas em regiões fundamentais para os EUA<sup>21</sup>.

Logo a permanência dos EUA pelos vários pontos do globo, em vez de iniciar estratégias de equilíbrio de poder, tem um efeito estabilizador, tendo para isso o apoio de Estados regionais secundários que vêm a presença de tropas norte-americanas como uma restrição ao aumento de poder por parte de Potências regionais e dessa forma manter o equilíbrio de poder regional<sup>22</sup>, face à superioridade das Potências regionais.

A História dos dois últimos séculos demonstra que a hegemonia cria, inevitavelmente, uma coligação anti-hegemónica constituída por Potências mais fracas, como se deu com a França Napoleónica e com a Alemanha no século XX<sup>23</sup>, pois o poder demasiadamente concentrado gera, habitualmente, desconfiança pois pode ser facilmente usado contra aqueles que detêm menos poder.

Kenneth Waltz defende que podem surgir alguns novos pólos que poderão pôr em causa a unipolaridade e a sua estabilidade, e identifica como candidatos principais a essa coligação a União Europeia, China e Japão<sup>24</sup>.

A União Europeia transformou-se num projecto social<sup>25</sup> e nas condições actuais para competir pela hegemonia com os EUA necessita de adquirir capacidade de agir militarmente como um só, em vez de ser um conjunto de 25 Estados-Maior das Forças Armadas. Precisa, também, de criar uma indústria de militar capaz de fazer concorrência às indústrias militares das outras Potências.

Para além da incapacidade político-militar da União Europeia de conseguir agir como um bloco, os seus membros terão que reforçar o seu orçamento militar, já que no seu conjunto os 25 Estados da União Europeia não chegam a 50% do orçamento militar dos EUA<sup>26</sup>.

<sup>21</sup> Nye, Joseph S., *The Paradox of American Power: why the world's Superpower can't go it alone*, Oxford University Press, 2002, p. 144.

<sup>22</sup> Huntington, Samuel, "The Lonely Superpower".  
([http://homepages.stmartin.edu/Fac\\_Staff/rlangill/PLS%20300/The%20Lonely%20Superpower.htm](http://homepages.stmartin.edu/Fac_Staff/rlangill/PLS%20300/The%20Lonely%20Superpower.htm))

<sup>23</sup> Krauthammer, Charles, *Op. Cit.*, p.8.

<sup>24</sup> Waltz, Kenneth, *Op. Cit.*, p. 30.

<sup>25</sup> Krauthammer, Charles, *Op. Cit.*, p. 6.

<sup>26</sup> Schmitt, Burkard, "Defence Expenditure", Institute for Security Studies, July 2004, p. 2.

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

A China é, deste grupo, provavelmente o candidato mais bem colocado para pôr em causa a hegemonia norte-americana, embora ainda esteja a décadas de conseguir igualar, caso o consiga, a capacidade dos EUA.

A agência de Informações chinesa afirma que em 2020 a China terá entre um terço a metade das capacidades dos EUA, e o próprio investimento em tecnologia, nos EUA, é superior em 20 vezes ao feito na China, sendo o armamento chinês antiquado e metade da sua população empregada no sector primário, o que demonstra que a China está longe de poder desafiar a hegemonia dos EUA, com a agravante que a China não poder escapar à sua geografia; qualquer aumento no seu poder será imediatamente contrabalançado pelas outras Potências com quem partilha fronteiras, principalmente, a Índia e a Rússia<sup>27</sup>.

O Japão, apesar do seu potencial económico, ainda está longe de conseguir emergir como um pólo de hegemonia, pois ainda tem tropas dos EUA em seu território, tem limitações impostas às suas forças armadas, tem uma população a envelhecer, tal como na União Europeia, e terá que resolver estas questões antes de se conseguir afirmar como uma Potência hegemónica.

A teoria realista identifica o aparecimento de uma coligação anti-hegemónica, como outro dos elementos que poderão pôr em causa a posição da Potência hegemónica.

Uma coligação anti-hegemónica dificilmente se formará, nas circunstâncias actuais, devido a várias condicionantes: primeiro, as coligações anti-hegemónicas têm custos elevados quando a ameaça não é imediata ou de conquista territorial, segundo, caso a tentativa de contrabalançar o poder hegemónico falhe, poderão existir represálias<sup>28</sup>; terceiro enquanto alguns Estados podem sentir o poder económico e militar dos EUA como uma ameaça, outros podem beneficiar deste, como já foi referido acerca dos Estados secundários regionais. Quarto, dificilmente esta coligação conseguirá ultrapassar diferenças culturais e rivalidades existentes entre as próprias Potências que se sentem ameaçadas pela hegemonia de uma unipolaridade.

Por último, as grandes Potências regionais irão, no quadro actual das Relações Internacionais, sempre enfrentar a tentativa de acompanhar esse aumento de poder, pelos

<sup>27</sup> Brooks, Stephen e Wohlforth, William, *Op. Cit.*, p. 26.

<sup>28</sup> Ikenberry, G. John, *Op. Cit.*, p. 15.

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

Estados com quem partilham fronteiras terrestres, que aí terão a tendência para formar aliança com os EUA de forma a equilibrar as diferenças de poder prestes a emergir<sup>29</sup>.

## Conclusão

Com o fim da Guerra Fria, ao contrário das expectativas, a unipolaridade manteve-se até hoje em dia. Enquanto os EUA consolidavam a sua posição, as outras grandes Potências perderam terreno face aos EUA, para além do facto que o fim da Guerra Fria retirou limitações ao poder norte-americano.

Deixou, também, de haver uma ideologia a nível global capaz de competir com a visão liberal dos EUA, e a demonstração de força no Iraque, Afeganistão, Kosovo e outros cenários demonstrou o poder militar real que os EUA possuem e finalmente, com o fim da Guerra Fria, os laços de segurança criados durante a Guerra Fria mantiveram-se e, hoje em dia, muitos Estados ainda dependem da segurança fornecida pelos EUA<sup>30</sup>.

Como consequência o sistema tornou-se unipolar, e embora a teoria das Relações Internacionais veja a unipolaridade como um momento de transição para a multipolaridade, isso não aconteceu.

Este ensaio teve como objectivo demonstrar que a unipolaridade actual não é uma fase de transição mas sim estável, e com características que a permitam durar décadas, ao contrário do que muitos teóricos de Relações Internacionais pensavam.

Essa estabilidade baseia-se na diferença de poderes que existe actualmente entre os EUA e os seus mais directos adversários, e na posição geográfica dos EUA que, ao separar estes dos seus rivais através de dois Oceanos, diminui inseguranças que possam existir pela maior capacidade dos EUA.

Estas duas características da unipolaridade evitam que exista uma necessidade de equilíbrio de poderes, primeiro devido à enorme diferença de poder que existe e segundo porque os EUA não representam uma ameaça directa ao território das outras Potências.

Outros factores que também foram identificados como factores estabilizadores da unipolaridade norte-americana foram as instituições que de certa forma, ainda condicionam as

<sup>29</sup> Huntington, Samuel, "The Lonely Superpower".  
([http://homepages.stmartin.edu/Fac\\_Staff/rlangill/PLS%20300/The%20Lonely%20Superpower.htm](http://homepages.stmartin.edu/Fac_Staff/rlangill/PLS%20300/The%20Lonely%20Superpower.htm))

<sup>30</sup> Ikenberry, G. John. *Op., Cit.*, pp 5-6.

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

acções dos EUA e a arma nuclear, que retira o medo de ameaça territorial entre grandes Potências, pelo efeito da dissuasão nuclear.

Depois, fez-se uma referência aos factores considerados como desestabilizadores e as razões pelas quais esses factores não põem em causa a unipolaridade.

Charles Krauthammer, no seu texto *Unipolar Moment Revisited*, considera que a unipolaridade poderá durar décadas; sobre esse aspecto teremos que esperar para confirmar as suas previsões mas com base nos dados actuais, que são os únicos indicadores para se conseguir uma análise realista, a unipolaridade actual é estável e pelas suas características tem possibilidade de continuar a ser unipolar e de adiar o aparecimento da multipolaridade, contrariando a teoria das Relações Internacionais.

#### Bibliografia

BROOKS, Stephen e WOHLFORTH, William. American Primacy in Perspective. Foreign Affairs, July/August 2002, Volume 81, Number 4.

KRAUTHAMMER, Charles. The Unipolar Moment Revisited. The National Interest, Winter 2002/2003.

LAYNE, Christopher. From Preponderance to Offshore Balancing. International Security, Vol. 22, no. 1 (Summer 1997).

NYE, Joseph S. The Paradox of American Power: why the world's Superpower can't go it alone. Oxford University Press, 2002.

WALTZ, Kenneth. Structural Realism after the Cold War. International Security, Vol. 25, nº. 1.

WOHLFORTH, William. The Stability of a Unipolar World. International Security 24:1.

SCHMITT, Burkard. Defence Expenditure. Institute for Security Studies, July 2004.